

Só os juros ainda não baixaram

Não há consenso entre alguns banqueiros sobre a queda das taxas de juros após as medidas baixadas anteontem pelo Governo.

O vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, e o Diretor do Banco Boavista, Antonio Carlos Lemgruber, acham que com a explicitação das regras de fixação da correção cambial e da correção monetária, as taxas de juros caem, se houver confiança por parte dos tomadores de recursos junto aos bancos quanto a estas regras.

O Presidente da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), Theóphilo de Azeredo Santos, disse ontem que não sabe nem quando as taxas vão cair nem em quanto vão cair. Considerou as medidas boas, admitiu que terão efeitos sobre os juros, mas afirmou que esperava uma maior liberação do crédito e que faz votos para que o Governo contenha seus gastos, para controlar a inflação.

Outro banqueiro, presidente de entidade do mercado, afirmou que na sua opinião as taxas de juros não caem. Segundo ele, era preciso mais medidas. Elogiou muito, no entanto, a explicitação das regras de fixação da correção cambial e da correção monetária.

Se existe divergência de opiniões sobre os efeitos das medidas, existe consenso a respeito de uma questão: as taxas de juros, se caírem, não cairão logo. As medi-

das baixadas pelo Conselho Monetário Nacional terão que ser antes absorvidas pelo mercado e pelos empresários tomadores de recursos. E será necessário também uma certa margem de tempo para se verificar se a regra de fixação da correção monetária e da cambial será seguida fielmente.

NÃO É POSSÍVEL PREVER

Na opinião de Marcílio Marques Moreira, a queda dos juros não será para logo, mas quando vier deverá ser significativa, porque incluirá a expectativa de expurgo na correção monetária e de desvalorização cambial extra.

— Havia hoje dois fatores que estavam pressionando os juros. Um deles era o fato de o aplicador exigir uma remuneração acima da correção monetária fixada pelo Governo, por achar que a correção monetária não acompanhava a inflação. E o outro era a elevação causada pela expectativa de uma desvalorização cambial extra ou de uma nova máxi. Tanto a defasagem na correção monetária quanto a falta de segurança quanto à correção cambial foram eliminadas com a regra estabelecida pelas autoridades para esses indicadores. Logo, se for cumprida, as taxas de juros caem.

O nível de queda, Marcílio prefere não prever, “porque não se pode fazer profecias. Vai depender da confiança dos investidores e tomadores de recursos na medida”.

Para Teóphilo de Azeredo Santos, o fim da incerteza cambial foi positivo, mas era preciso também que as autoridades tivessem ampliado mais a oferta de crédito, sobretudo no caso dos bancos de investimentos.

— Se a inflação, neste segundo trimestre, crescer 20 por cento, o crescimento das aplicações dos bancos de investimentos em 20 por cento será consumido pela inflação. E o setor produtivo ficará sem recursos — afirmou.

PUBLICAÇÃO, QUAL O CRITÉRIO?

Uma outra medida do Governo a que Theóphilo faz ressalvas é a publicação das taxas de juros nos jornais. Não que os bancos não estejam dispostos a publicarem suas taxas, “já que com resolução não existe esta questão de estar disposto ou não”.

O problema, explicou, é a variedade de taxas praticadas pelos bancos brasileiros. Será preciso estabelecer um critério de taxa média que seja respeitada por todos os bancos, senão “haverá muita discrepância de taxa”. Theóphilo está a espera de circular do Governo regulamentando a medida para saber se será possível implantá-la, na prática, sem que ocorram distorções.

Ele espera que a publicação não seja semanal, “porque seria um custo muito elevado”.